

# Tantas cantigas encarceradas

written by António Ferro | 25 de Abril, 2024



Com a transmissão de **“E Depois do Adeus”** pelos Emissores Associados de Lisboa, às 22 horas e 55 minutos, do dia 24 de Abril de 1974, era dada a ordem para as tropas se prepararem e estarem a postos. O efetivo sinal de saída dos quartéis, posterior a este, seria a emissão, pela Rádio Renascença, de **“Grândola, Vila Morena”**, de Zeca Afonso.

**“E Depois do Adeus”** é uma canção com letra de José Niza e música de José Calvário, que foi escrita para ser interpretada por Paulo de Carvalho na 12<sup>a</sup>. edição do Festival RTP da Canção, do qual sairia vencedora. A razão da escolha de **“E Depois do Adeus”** é óbvia: não tendo conteúdo político e sendo uma música em voga na altura, não levantaria suspeitas, podendo mais facilmente a revolução ser cancelada, se os líderes do MFA concluíssem que não havia condições efetivas para a sua realização.

### **“Grândola, Vila Morena”, José Afonso**

A música de José Afonso já está tão digerida pela nossa memória coletiva que, quando ouvimos um disco dele, ouvimos o que temos na memória e não o que está gravado. Há poucas canções onde isto seja tão óbvio como em “Grândola, Vila Morena”. Quase toda a gente acha que a consegue cantar, mas poucos sabem a letra de uma ponta à outra; teve direção musical de **José Mário Branco**.

### **“Trova do Vento Que Passa”, Adriano Correia de Oliveira**

Magnífica balada composta por **António Portugal**, a partir de um poema de **Manuel Alegre**. Ao longo dos anos, esta crítica discreta à ditadura salazarista, ao mesmo tempo pesarosa e carregada de esperança, foi gravada por muita gente, do Quarteto 1111 a Amália Rodrigues. Mas a versão definitiva será sempre esta, cantada por Adriano Correia de Oliveira em 1963.

### **“Queixa das Almas Jovens Censuradas”, José Mário Branco**

José Mário Branco ergueu uma grande canção sobre este poema de **Natália Correia** a que emprestou a voz e o génio. Uma denúncia, tão lúcida como desiludida, do conformismo e mediocridade promovido pela ditadura e um dos pontos altos do seu álbum de estreia de 1971, o magistral *Mudam-se Os Tempos, Mudam-se as Vontades*.

### **“O Povo Unido Jamais Será Vencido”, Luís Cília**

Escrita por **Sérgio Ortega Alvarado** e os **Quilapayún** antes do golpe de estado fascista que depôs Salvador Allende, em 1973, “*El Pueblo Unido Jamás Será Vencido*” tornou-se um dos hinos da resistência chilena e da esquerda internacional. Em 1974 a banda chilena, na altura exilada em França, acompanhou Luís Cília, que também vivera em França durante a ditadura salazarista, nesta versão portuguesa da canção.

### **“O Patrão e Nós”, Fausto Bordalo Dias**

O segundo álbum de Fausto Bordalo Dias, *P'ró Que Der e Vier*, é maravilhoso. Um disco combativo e politicamente empenhado, gravado em 1974 e sem medo de chamar os bois pelos nomes. Poucas canções são tão diretas como “O Patrão e Nós”, com versos duros e honestos como: *“Tem um banco e muitas fábricas/ Tem nome de patrão/ Mas agarra que é ladrão/ Não faz falta e é cabrão”*.

### **“Somos Livres”, Ermelinda Duarte**

Na ressaca do 25 de Abril, José Cid fez os arranjos e a atriz Ermelinda Duarte interpretou esta cantiga na peça Lisboa 72-74 do Teatro Estúdio de Lisboa. Depois de a ouvir, Mário Martins, da editora Valentim de Carvalho, convidou-a, para a editar em disco, e José Cid produziu o single. A canção acabou por se tornar numa das mais icónicas dos anos que seguiram à revolução.

### **“Letra Para Um Hino”, Francisco Fanhais**

Gravado em Roma, em 1975, o disco República não foi editado em Portugal. E é uma pena. José Afonso e Francisco Fanhais participaram neste registo de solidariedade para com o jornal República, com inéditos, versões de outros artistas e do seu próprio repertório. “Letra Para Um Hino”, foi escrita por **Manuel Alegre** antes da revolução de Abril.

### **“Companheiro Vasco”, Carlos Alberto Moniz e Maria do Amparo**

*“Força, força, companheiro Vasco, nós seremos a muralha de aço”*, prometiam Maria do Amparo e Carlos Alberto Moniz no lado B do single “Daqui o Povo Não Arranca Pé!”, de 1975. Um hino revolucionário pueril e ultimamente inconsequente, mas inspirador. Que vale sobretudo pela exaltação do militar de Abril e primeiro-ministro responsável por medidas como a reforma agrária e as nacionalizações dos principais sectores económicos.

### **“O Pecado (do) Capital”, Jorge Palma & Fernando Girão**

O festival da canção de 1975 realizou-se em pleno PREC. E isso nota-se. **Paco Bandeira** cantou “Batalha-Povo”, **José Mário Branco** deu voz ao “Alerta!” do Grupo de Ação Cultural, o vencedor foi um militar de Abril, Duarte Mendes. E o concurso começou com Fernando Girão e Jorge Palma a cantarem sobre “O Pecado (do) Capital”.

### **“A Cantiga É Uma Arma”, Grupo de Ação Cultural**

O Grupo de Ação Cultural, ou apenas GAC, foi o melhor e mais conseqüente dos coletivos de cantores e músicos politicamente engajados que se formaram no pós-25 de Abril. Algumas das principais vozes da revolução estiveram envolvidas (e mais ou cedo ou mais tarde abandonaram) o projeto. “A Cantiga É Uma Arma”, incluída no LP homónimo de 1975, foi e é um dos seus maiores hinos.

### **“Cantiga de uma Greve de Verão”, Vitorino**

Retirada de Semear Salsa Ao Reguinho, o álbum de estreia de Vitorino Salomé, editado em 1975 pela Orfeu, esta balada revolucionária pega num título de Shakespeare e adapta-o ao contexto da reforma agrária. As letras são simples, diretas e inspiradoras (“*abro o peito, fecho o punho*”; “*troco foice por espingarda*”; “*caçadeira atrás da porta*”; “*queremos um Verão quente*”).

### **“Liberdade”, Sérgio Godinho**

“‘Liberdade’ é de todas as palavras e conceitos que uso na minha vida, e por arrasto nas canções, a que mais acarinho e que mais defendo, aquela que dá “*ao norte a sua bússola*”, escrevia há uns anos Sérgio Godinho, num texto publicado na *Time Out Lisboa*.